

ALBERT T'SERSTEVENS, OLIVIER ROLIN E MAX ALHAU EM PORTUGAL

APROXIMAÇÕES A UM PAÍS*

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO**

Resumo: *Albert T'Serstevens, Olivier Rolin e Max Alhau, escritores de língua francesa, cruzaram Portugal, em diferentes momentos do século XX: Albert T'Serstevens na década de 40, Olivier Rolin e Max Alhau, na segunda metade do século. Itinéraire portugais, «Lisbon revisited» e Retour à Lisbonne são resultado desses momentos viáticos. No presente estudo e num quadro teórico imagológico, propomo-nos, com base nesses textos, reflectir sobre processos de construção de representações culturais, formas de aproximação ao outro inevitavelmente reveladoras duma definição identitária do eu textual.*

Palavras-chave: *Viagem; T'Serstevens; Rolin; Alhau; Representações culturais.*

Abstract: *Albert T'Serstevens, Olivier Rolin and Max Alhau, French language writers, travelled through Portugal at different moments of the 20th century: Albert T'Serstevens in the 1940s, Olivier Rolin and Max Alhau, in the second half of the century. Itinéraire portugais, «Lisbon revisited» and Retour à Lisbonne are the outcomes of those travel experiences. In this paper our main goal is to reflect on the construction processes of cultural representations, ways of approaching the Other, that inevitably reveal an definition of the identity of the textual I, from an imagological perspective.*

Keywords: *Travel; T'Serstevens; Rolin; Alhau; Cultural representations.*

A prática cultural da viagem vulgarizada, num primeiro momento, com o *Grand Tour*, protagonizado pela jovem aristocracia inglesa e, num segundo momento, com o advento e progressivo desenvolvimento do fenómeno turístico, no século XIX, resultou numa prática literária ancorada na viagem acontecida, levando ao reconhecimento, por parte do leitor e da instância crítica, de um objecto textual genericamente identificado como literatura de viagens. Tal objecto, para além de se constituir como literatura de mediação¹ não negligenciável no campo das relações interculturais, apresenta-se como espaço fértil na construção, perpetuação ou redescrição de representações, na medida em que trabalha aproximações, por parte do escritor-viajante, a uma cultura de chegada, a partir da sua própria cultura de pertença. Assim, a abordagem imagológica de tais textos revela-se extremamente produtiva pela presença intensa de imagens em torno do Outro estrangeiro, imagens que acabam por reflectir construções identitárias relativas ao sujeito textual e que, com frequência, sendo da ordem do estereótipo, se inscrevem numa *longue durée* a marcar todo um imaginário cultural. Como lembra Daniel-Henri Pageaux,

* Este estudo foi elaborado no âmbito do Projecto «Interidentidades» do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, integrada no Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).

** Professora Auxiliar, Universidade do Porto.

¹ Sobre literatura de mediação, consulte-se PAGEAUX, 2003: 281-282.

Les images appartiennent au temps long, et plus particulièrement les images stéréotypées, parce que le stéréotype est foncièrement anachronique, ou mieux a-chronique, en ce qu'il sert à montrer (et à démontrer), en dehors d'un temps historiquement défini, l'essence, ou une part essentielle, de la culture (et de la nature) d'un peuple².

Tais ocorrências podemos encontrá-las em Albert T'Serstevens, Olivier Rolin e Max Alhau, escritores de língua francesa que cruzaram Portugal, em diferentes momentos do século XX: Albert T'Serstevens na década de 40, Olivier Rolin e Max Alhau, já na segunda metade do século. *Itinéraire portugais*, «Lisbon revisited» e *Retour à Lisbonne*, resultado desses momentos viáticos, servir-nos-ão como base de análise e reflexão em torno de representações culturais, nestas aproximações a um país que foi/é Portugal.

O ITINÉRAIRE PORTUGAIS: UMA ABORDAGEM ESSENCIALISTA

O escritor francês de origem belga, Albert T'Serstevens³, percorre Portugal continental, no ano de 1939, no período do Estado Novo, não pretendendo a sua obra ser vista como um guia de viagem⁴. Não chegará a conhecer o Portugal do pós 25 de Abril⁵. O país que é de imediato dado a ver ao leitor apresenta-se sob o signo do mar, não apenas numa referência a uma situação geográfica⁶, mas ainda no que toca à construção de um império, a partir de travessias marítimas:

J'ai quelques fois pensé que le Portugal pourrait s'appeler Atlantis.

Son climat, son paysage, sa végétation, sa vie côtière et même sa vie agricole, son histoire, ses découvertes, ses conquêtes, son architecture propre – le manuelin –, une grande partie de sa littérature, sa race, son caractère et son langage, s'expliquent en un seul mot: l'Atlantique⁷.

É ainda a estreita ligação ao mar que, em *Itinéraire Portugais*, caracterizará Lisboa. Deste modo, «Entrer à Lisbonne par la route, comme nous l'avons fait, ou par chemin de fer, c'est prendre la ville à rebours. Née de la mer, ou du Tage maritime, elle commence par le large perron de la place du Commerce (...)»⁸. E no Terreiro do Paço, o narrador-viajante não se esquiva a explorar uma imagética viática e marítima que, por metonímia, poderá apontar para todo o Portugal:

² PAGEAUX, 2003: 13.

³ Sobre T'Serstevens e Portugal consulte-se Quaghebeur (2002) e Almeida

(<URL: http://www.ilcml.com/?searchText=ars&sortBy=nome&page=base_recorddetail&baseid=2&recordid=46>).

⁴ Cf. afirmações sobre a descrição das igrejas de Coimbra: «J'en laisse aux manuels de voyage (...)». Ou sobre o mosteiro de Alcobaça: «J'abandonne aux guides et manuels la description de cet énorme monastère» (T'SERSTEVENS, 1940: 40; 48).

⁵ É de facto o Portugal do Estado Novo com um povo ligado ao mundo rural e ao mar que encontramos neste *Itinéraire Portugais* e, nesse quadro político a figura de António de Oliveira Salazar será objecto de todo um discurso de simpatia face ao seu carácter e acção.

⁶ Cf. «Tout le pays n'est qu'un rectangle littoral» (T'SERSTEVENS, 1940: 11).

⁷ T'SERSTEVENS, 1940: 7.

⁸ *Idem*: 79.

Le déploiement de ce paysage marine en face d'un forum monumental, cette découverte de flots glauques, de navires et d'horizon bleuté entre des façades de municipes, cette ouverture majestueuse d'une ville sur l'évasion, font de ce Terreiro le décor du voyage, comme si la cité entière appareillait⁹.

O olhar atento de T'Serstevens não reflecte porém uma mera imagem do outro visitado. Com efeito, toda a aproximação descritiva e judicativa a Portugal decorre, por um lado, de um imaginário construído em torno do estrangeiro de que o narrador-viajante é portador e, por outro lado, traduz a representação que o mesmo narrador faz do seu espaço de pertença. Assim, escrever sobre Portugal implica o seu enquadramento num espaço mais alargado, o espaço ibérico. Com efeito, o *Itinéraire Portugais* ergue-se com a Espanha ao fundo e o povo português é caracterizado, numa abordagem essencialista, através de processos de comparação com o espanhol e o francês:

L'esprit de l'Atlantique anime la race portugaise, l'air et la tempère. Rien de moins espagnol, si l'on veut admettre avec moi que la véritable Espagne commence au sud de la Montagne Cantabrique. Le Portugais, par son équilibre, sa réserve, son sens critique et son goût de l'ironie, ressemble beaucoup plus au Français (...) de la côte océane, pondéré, gagne-petit, assidu au travail, récompensé, d'ailleurs, par la fertilité du sol et de la mer¹⁰.

A presença reiterada duma visão essencialista da cultura de chegada também revelada pelo uso frequente do verbo ser¹¹, manifesta-se, igualmente, através do estereótipo cultural, por vezes questionado:

Je n'ai pas trouvé dans l'âme portugaise ce fatalisme désabusé que l'on attribue quelque fois./ Cela vient sans doute de la place excessive que l'on donne généralement au fado, qui est la seule création de la musique populaire du Portugal qui ait passé la frontière¹².

O lugar-comum ocorre ainda na referência ao «jardin portugais»¹³, ao terramoto¹⁴, à saudade¹⁵ e, de modo iterativo, na emergência de uma ancoragem a um imaginário intimamente eivado de memória passada, com figuras como Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Camões, D. Pedro e Inês de Castro¹⁶ ou Henrique, o Navegador: «(...) il

⁹ *Idem*: 81.

¹⁰ *Idem*: 20. Cf. «Rien de plus dissemblable que ces deux pays voisins et qui ont une commune origine» (*idem*: 26-27) e «C'est le même silence dépeuplé que dans les villages français: tout le monde est à gratter le sol pour y trouver des sous» (*idem*: 30). Cf. ainda *idem*: 75 e 76.

¹¹ Cf. «C'est un peuple actif. (...) Ce n'est pas un peuple très bruyant. (...) Le Portugais est frondeur (...)» (*idem*: 23-24).

¹² *Idem*: 22.

¹³ *Idem*: 30.

¹⁴ Cf. *idem*: 80.

¹⁵ Cf. *idem*: 108.

¹⁶ Cf. *idem*: 13, 44.

donnait l'impulsion aux conquêtes maritimes qui devaient faire du Portugal un magnifique et éphémère empire»¹⁷. Não por acaso tais figuras ora apontam para o momento áureo da gesta marítima dos portugueses, ora recuperam personagens que viveram uma história de amor de potencial romanesco indubitável. Em ambos os casos porém, trata-se na sua maioria de vultos familiares para o leitor francês pela circulação que foram conhecendo no seu espaço cultural.

«LISBON REVISITED»: GEO-GRAFIA LITERÁRIA

Em 1999, Olivier Rolin publica em Portugal *O meu chapéu cinzento. Pequenas geografias*. Não se trata de uma mera tradução de *Mon galurin gris. Petites géographies* (1997), mas de uma selecção de alguns dos textos saídos na versão francesa e que se apresentam enquanto «Recolha de pequenos escritos inspirados esporadicamente, desde há quinze anos, pela fantasia geográfica»¹⁸. Para não existirem equívocos, o autor esclarece em texto liminar que não crê ser um viajante-escritor e não vem solicitar a sua «(...) inscrição na categoria bem-cheirante, a sândalo e a orangotango, dos *travel writers*»¹⁹. Se a génese destes textos se situa numa vivência de viagens efectivamente acontecidas, tal não significa para Rolin a justificação de subclassificações para identificar objectos literários que ilustrariam actualizações singulares da literatura. Em seu entender, apenas há literatura e tal facto lança luz para o texto preambular a *O meu Chapéu cinzento. Pequenas geografias*, no qual se desenvolve toda uma reflexão sobre o fazer literário que explora analogias com a viagem:

(...) entre o facto de escrever e o de viajar há realmente algumas relações secretas. A primeira que nos vem ao espírito é a de que ambas as actividades atestam uma espécie de instabilidade essencial. (...) Escrever, é coisa que começa pelo sentimento de estar deslocado²⁰ (...)»²¹.

E quando, em entrevista de 2003, lhe era dito que a viagem na sua obra parecia fazer-se tanto num país real quanto na imagem que dele dava a literatura ou a história²², Rolin comentava:

Les deux comptent. Segalen écrit à peu près, c'est dans Equipée, je crois, qu'il faut affronter, parcourir, connaître le monde physique, le monde matériel, le monde qui est un obstacle à la pensée, pour connaître celui de la pensée. Il y a, dit-il encore, la montagne décrite par le poète, celle qui est

¹⁷ *Idem*: 13.

¹⁸ ROLIN, 2001: 18.

¹⁹ *Idem*, 9.

²⁰ Esta ideia de instabilidade e de deslocação encontramos-na de algum modo explicitada, em entrevista de 2003: «Dans ma petite théorie personnelle, ce qui m'a fait écrire depuis le début, c'est la tension entre un mouvement centrifuge, de non-adhésion, de non-appartenance, d'inclination à l'exil, et une tendance lâche, pour la qualifier psychologiquement, ou, pour la qualifier physiquement, centripète, qui mène à essayer d'adhérer, d'appartenir. C'est cette tension contradictoire qui crée l'énergie nécessaire à l'écriture» (<http://www.olivier-rolin.fr/entretiens.html>).

²¹ ROLIN, 2001: 10. Lembremos ainda a seguinte metáfora a propósito da busca e do trabalho com a palavra: «Gosto dos dicionários, são um meio de transporte cómodo» (*idem*: 20).

²² Sobre estas questões, consulte-se *Olivier Rolin: Literature, histoire, voyage* (2008).

*conquise par une métaphore, et celle qui est «lourdement gagnée par les jambes», et c'est dans le transfert de l'une à l'autre que se connaît quelque chose. Alors, le monde imagé, archivé, stylisé par la littérature compte pour moi, mais aussi le monde contingent, ardu, crasseux, sale, dangereux, opaque: j'ai besoin, je crois, de leur interférence pour connaître, construire un monde de mots*²³.

A circulação entre representação de uma realidade empírica de que se faz a experiência e outras representações literárias de autores e obras outras, a todo o momento convocados, são uma constante ao longo de todas estas «pequenas geografias»²⁴ de *O meu chapéu cinzento*, logo a partir do título, em diálogo com Blaise Cendrars, mais especificamente, com o poema «Bagages»²⁵. Os dois textos em torno de Portugal que o livro encerra, um texto sobre os Açores, «Suplemento ao “Roteiro Náutico sobre o Arquipélago dos Açores”», e outro sobre Lisboa, «Lisbon revisited», igualmente ilustram essa abordagem²⁶. Sobre Portugal afirmará Rolin, em 2003:

*(...) J'aimerais bien être associé à Lisbonne... Le Portugal a été ma patrie littéraire d'adoption, presque plus que la France. À un moment, je me sentais mieux accueilli au Portugal qu'en France. J'aime Lisbonne pour ça, et puis pour les bateaux dans la ville, enfin pour des tas de raisons, j'ai écrit des pages sur cette ville, mais je ne suis pas sûr qu'elles suffisent à faire de moi un écrivain de Lisbonne*²⁷.

Serão algumas dessas páginas, «Lisbon revisited», inicialmente publicadas no jornal *Le Monde*, em 1989, e relativas a um espaço visitado cerca de quarenta anos após o périplo de Albert T'Serstevens, o objecto da nossa atenção.

Os diversos textos breves de *O meu chapéu cinzento* apresentam-se todos eles com títulos em itálico, à excepção, precisamente, de «Lisbon revisited». Tal tratamento diferencial não pode deixar de nos alertar para um possível relação dialógica com Pessoa, ao lembrar o poema homónimo de Álvaro de Campos. Com efeito, todo o texto se estriba numa constante referência e mesmo citação em torno da figura e obra pessoanas. Visitar Lisboa, falar de Lisboa é fazê-lo na sombra e com a sombra de Pessoa, viajando com Pessoa ortónimo, Pessoa heterónimo ou Pessoa via Ricardo Reis de José Saramago. Não por acaso, convoca-se a *Mensagem*²⁸ ou, numa multiplicação especular, Pessoa acompanha as redescições de Lisboa de Olivier Rolin: «Pequenos Pessoas, de gabardina e chapéu pintados com molde caminham nas paredes com passo apressado, dispersam-se em todas as direcções, bando negro de poetas vivos (...)»²⁹.

23 ROLIN, 2003 (<<http://www.olivier-rolin.fr/entretiens.html>>).

24 ROLIN, 2001: 24.

25 Cf. «Ma malle pèse 57 kilos sans mon galurin gris» (CENDRARS, 1968: 33).

26 No texto sobre os Açores, lembramos as referências a Pedro da Silveira, Melville, Tabucchi, Cendrars ou Antero de Quental.

27 ROLIN, 2003. Sobre Olivier Rolin e Portugal, consulte-se BARBEITA, Magda – *Olivier Rolin*. In <URL: http://www.ilcml.com/?searchText=olivier+rolin&sortBy=nome&page=base_recorddetail&baseid=2&recordid=37[Base]>.

28 Cf. ROLIN, 2001: 90.

29 *Idem*: 92.

Numa deambulação por Lisboa, o narrador-viajante convoca um conjunto de *topoi* que insufla de nova vida, aproveitando o ensejo para uma defesa do lugar-comum:

*(...) uma cidade sem lugar-comum seria uma cidade dispersa, absolutamente submetida ao diverso, reduzida a pó, uma cidade invisível. (...) há no lugar-comum qualquer coisa que participa do princípio, da ordem do espírito, ou, para ser completamente inequívoco, da alma*³⁰.

Assim, lembra-se Pessoa e a sua obra, refere-se o fado, as sardinhas e o bacalhau, o terramoto de Lisboa, os azulejos e a saudade. Porém, vai-se mais além de uma simples alusão aos estereótipos que são roteiro para o leitor. Na verdade, das sardinhas que se comem em Lisboa e de que se sente o cheiro agradável, passa-se rapidamente para a descrição duma cidade-sardinha que é Lisboa, «(...) a única cidade do mundo, que [ele] saiba, que é totalmente recamada de milhões de escamas brilhantes, esse famoso pequeno empedrado a branco e negro(...)»³¹. Da proverbial referência à vocação marítima de Portugal e a um império ultramarino, criativamente sugere-se uma intervenção nas ruínas do Grandella – seriamente afectado por um incêndio em 1988 – que, fechado por vidro, aproveitaria o que resta da arquitectura do ferro – agora retorcido – para relembrar um espaço de um passado imperial:

*No meio expandir-se-ia essa mata de lianas luxuriantes, ou algas, de ferro, no meio das quais se fariam crescer (...) outras lianas, ingenuamente vegetais essas, palmeiras, e todas as plantas cuja curvatura, fantasia ou graciosidade fariam lei. Papagaios garridos voariam por lá. Essa ruína grandiosa relembraria assim, discretamente, a antiga vocação ultramarina de Portugal*³².

Não se trata em Olivier Rolin de dar a conhecer Lisboa, descrevendo a cidade, contando a sua história, mas outrossim de partilhar uma deslocação no espaço indissolivelmente ligado a uma deslocação /rememoração na geo-grafia mental, literária do eu textual.

RETOUR À LISBONNE: COM PESSOA E O LUGAR-COMUM

Sob o signo de Pessoa constrói-se também o texto de Max Alhau, *Retour à Lisbonne*. Texto que se apresenta como o resultado do seu diário de bordo, nele se faz referência a anteriores visitas a Lisboa³³: uma ainda durante o regime salazarista, outra por volta de 1998 e aquela, mais recente, de que se faz agora o relato. Se Albert T'Serstevens tem a preocupação de lembrar que o seu texto de viagem não é um guia ou roteiro turístico e Olivier Rolin não quer ser visto como viajante-escritor, Max Alhau procura, por sua vez, distinguir-se e estabelecer uma distância com o outro que viaja e com o qual se cruza nos

³⁰ *Idem*: 90.

³¹ *Ibidem*.

³² *Idem*, 96.

³³ O autor faz mesmo referência a «mains voyages» (ALHAU, 2007: 58).

mesmos espaços: o turista. Assim por exemplo, deambulando por Alfama, sobressalta-se de repente o narrador: «Est-ce que je ne ressemble pas trop à un touriste en quête d'aventure avec ma caméra, mon guide du Routard dissimulé dans une poche?»³⁴.

Não será porém o guia do Routard o roteiro maior a seguir pelo viajante. Na verdade, é Pessoa, a sua poesia, a sua redescção por José Saramago ou o seu guia de Lisboa³⁵, só recentemente publicado na década de 90³⁶, que servirão de roteiro, talvez porque, em seu entender, «Il [Pessoa] est à l'image de Lisbonne ou peut-être que la ville est à son image: insaisissable, diverse, immense comme le poète»³⁷.

Depois de ter subido ao miradouro de Santa Catarina o narrador-viajante observará: «Il est temps de quitter le miradouro et de poursuivre ma promenade en compagnie des ombres de Ricardo Reis et de Pessoa auxquelles je suis désormais accoutumé»³⁸. *O Guardador de Rebanhos, Lisboa: o que o turista deve ver e O ano da morte de Ricardo Reis* conduzem-no na errância por Lisboa. Da obra de Saramago dirá: «C'est à une sorte de jeu de piste que je me livrerai dans ces rues où fiction et réalité se mêlent»³⁹. Deste modo, grande parte do percurso será feito com e a partir de Pessoa – «De Pessoa qui, il y a quelques années encore, était inconnu, je me promets de suivre les traces sans toutefois tomber dans l'idolâtrie»⁴⁰. – e boa parte do périplo apontará para um passado de glória, um tempo áureo de descobertas marítimas e de construção de um império, com marcas até hoje visíveis nas pedras da cidade: «Toujours le même rappel d'une époque de gloire qui colle à la mémoire des Portugais»⁴¹.

Todavia, *Retour à Lisbonne* apresenta-se também como a tomada de contacto com a Lisboa do presente e do futuro: a visita aos espaços da Fundação Calouste Gulbenkian e o passeio ao Parque das Nações⁴², momento este que dá lugar à comparação; no caso presente, permitindo pensar a relação com a cultura de pertença: «Quand on débarque à la station de métro Oriente (...) la mémoire fait retour sur le quartier de la Défense à Paris (...)»⁴³. Há que reconhecer porém que nesta viagem no fio do tempo de uma cidade, o sentimento reiteradamente experimentado é o da miscigenação temporal – passado/presente – que parece caracterizar Lisboa: «Le mélange des siècles»⁴⁴.

34 *Idem*: 47. Iterativamente ao longo do texto, o narrador fala, na qualidade de observador, do turista, figura com frequência apresentada como incómoda. Cf., por exemplo, *idem*: 16, 42.

35 Trata-se de um guia de Lisboa elaborado por Fernando Pessoa, provavelmente datado de 1925, e que integraria um projecto mais amplo com o fim de dignificar Portugal no contexto europeu.

36 Cf. *Lisboa: O que o turista deve ver*. Lisboa, Livros Horizonte, 1992.

37 ALHAU, 2007: 117-118.

38 *Idem*: 105.

39 *Idem*: 90.

40 *Idem*: 48. Daniel-Henri Pageaux observa, em estudo sobre imagens de Portugal, que «(...) à partir des années 1980 le statut "imagologique" du Portugal en France a considérablement évolué à la faveur de nouveaux voyageurs, c'est-à-dire de nouveaux regards (...)» (PAGEAUX, 2003: 77). Um desses viajantes referidos por Pageaux é Olivier Rolin. Se para Albert T'Serstevens não é ainda possível pensar Portugal ou pensar Lisboa com Pessoa, na aproximação ao final do século ou já no século XXI a obra e figura pessoanas tornam-se presença obrigatória na aproximação a uma cidade e a um país.

41 Cf., por exemplo, *idem*: 30, 37, 51.

42 Sobre a arquitectura aí desenvolvida afirmará: «(...) les tentatives architecturales (...) font figure d'expérimentation» (*idem*: 55).

43 *Idem*: 57.

44: *Idem*: 21. Cf. ainda, por exemplo, *Idem*: 33.

Fazer a experiência de Lisboa, e apesar da recusa do estatuto de turista, é, igualmente, fazer a experiência do lugar-comum. Contudo, e ao contrário do que sucede em «Lisbon revisited», o lugar-comum, o estereótipo é tão só rememorado e não reinvestido de novas concretizações. Para além de Pessoa, são referência obrigatória, os eléctricos, os azulejos, o fado, a saudade: «Il y a à Lisbonne une constante mélancolie, la saudade, qui ne déprime pas, mais qui appartient au caractère portugais, d'un fatalisme enjoué»⁴⁵.

Para o eu textual de *Retour à Lisbonne*, fazer a experiência do estrangeiro é então pensar o outro a partir da sua biblioteca mental em que autores contemporâneos portugueses traçam caminhos de encontro com o outro, é ainda mergulhar num imaginário em circulação recebido em herança, onde o estereótipo ocupa um lugar considerável, funcionando como filtro na percepção da cultura visitada.

Face ao exposto, podemos pois afirmar que textos de mediação entre culturas como *Itinéraire Portugais*, «Lisbon revisited» e *Retour à Lisbonne* se apresentam como espaço de construção, perpetuação ou redescrção de representações em torno do outro estrangeiro, na medida em que trabalham aproximações a uma cultura de chegada, por parte do narrador-viajante; no entanto, e porque o fazem a partir da sua própria cultura de pertença, tais imagens resultam igualmente em construções e representações identitárias relativas ao sujeito textual, conduzindo a um movimento de sentido duplo: do eu para o outro e do outro para o eu.

BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. (2008) – *Olivier Rolin: Littérature, histoire, voyage*. «CRIN», vol. 49, Amsterdam: Rodopi.
- ALHAU, Max (2007) – *Retour à Lisbonne*. Montauban: Tertium Éditions.
- ALMEIDA, José de (s.d.) – «Albert t'Serstevens». In *Ulyssei@s. Escritores e outros criadores em deslocação*. Disponível em <URL: http://www.ilcml.com/?searchText=ars&sortBy=nome&page=base_recorddetail&baseid=2&recordid=46>.
- BARBEITA, Magda (s.d.) – «Olivier Rolin». In *Ulyssei@s. Escritores e outros criadores em deslocação*. Disponível em <URL: http://www.ilcml.com/?searchText=olivier+rolin&sortBy=nome&page=base_recorddetail&baseid=2&recordid=37[Base]>.
- CENDRARS, Blaise (1968) – «Bagages», *Au Coeur du Monde*, p. 32-33 (1.ª ed. 1947). Paris: Gallimard.
- CLÉMENT, Marie; ROUX, Laurente; OMONT, Sébastien (propos recueillis par) (2003) – «L'Ironie de Tantale. Entretien avec Olivier Rolin», In *La Femelle du requin*, n.º 20. Disponível em <URL: http://www.olivier-rolin.fr/page_requin.html>.
- ROLIN, Olivier (2003-2008) – *Entretiens*. Disponível em <URL: <http://www.olivier-rolin.fr/entretiens.html>>.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (2003) – *Trente Essais de Littérature Générale et Comparée ou la corne d'Amalthée*. Paris: L'Harmattan.
- QUAGHEBEUR, Marc (2002) – *Présences du Portugal dans les lettres belges de langue française*. In *Portugal e o Outro: uma relação assimétrica?*, p. 127-154 Aveiro: Universidade de Aveiro.
- ROLIN, Olivier (2001) – *O meu chapéu cinzento* (1.ª ed. 1999). *Pequenas geografias*. Porto: Edições Asa.
- T'SERSTEVENS, Albert (1940) – *L'Itinéraire Portugais*. Paris: Éditions Bernard Grasset.

⁴⁵ *Idem*: 99.